

N.º 1 em todo o mundo

**James Patterson** E CHRIS GRABENSTEIN

Mais de 350 milhões de livros vendidos

# EU CÓMICO

## ESCOLA DO RISO!



Do mesmo autor das séries **ESCOLA** e

A CASA DOS **ROBOTS**

## Capítulo I



# HOMEM MORTO SOBRE RODAS

**O**lá, malta, sou o Jamie Grimm e estas são umas quantas coisas que deves ficar já a saber sobre mim, uma vez que estes serão, provavelmente, os meus últimos dias na Terra.

Primeiro, sou um comediante. Segundo, o meu primo Stevie Kosgrov vai matar-me na próxima sexta-feira às oito horas, hora de Leste (sete, se for do Centro).

Pois é. Sou como um pacote de leite. Tenho uma data de validade. Porque na sexta-feira às oito é quando um novo episódio do meu programa de televisão, *Jamix Comix*, estreia na BNC-TV.

E, desta vez, o Stevie é capaz de até ter uma boa razão para me destruir. É que, só para chatear, gravamos este episódio a gozar com o *bully* mais antigo da Escola de Long Beach. Estamos a meio da primeira

temporada do *Jamix Comix*, gravado em Nova Iorque, e adivinha uma coisa. O meu programa é um êxito tremendo. Quase tão tremendo como o murro que o Stevie Kosgrove vai dar-me quando vir o episódio de sexta-feira sobre o Skeeve Musgrove! Se calhar, devíamos ter disfarçado melhor o nome dele, certo?

A minha grande amiga Gilda Gold é que realizou o episódio do Skeeve. Os nossos grandes amigos Joey Gaynor e Jimmy Pierce fazem dos meus grandes amigos Joey e Jimmy. Pois. O programa é, de alguma forma, baseado na minha vida real. Facilita as coisas.

E também as torna muito mais perigosas.

— Silêncio no estúdio! — manda a Gilda. — Eeeeeeee, ação!

— Parabéns, Jamie — diz o Gaynor, da fila da frente. — Ganhaste o Concurso de professor por um dia!

Acontece que o Gaynor até é um ator bastante decente, — bem melhor do que eu.

E o Jimmy Pierce? Bem, ele é cerebral. Só consegue murmurar mais ou menos as suas falas.

— Pois é, Jamie — murmura ele. — Parabéns, meu.

(Na verdade, soa mais a «Café pra mim. Tens, mãe?», o que até é engraçado e, por isso, a Gilda não grita «corta» e a cena continua.)

— Turma — digo eu, fazendo um cavalinho com a cadeira —, como professor do dia, decreto que os trabalhos de casa estão banidos para o resto do ano.

— Uau! — exclama o Gaynor, assumindo totalmente a personagem. — E podes fazer isso?

— Hoje sou professor. Hoje posso fazer tudo!

— Mesmo que seja sobre amanhã? — pergunta a atriz que faz de Jilda Jewel, que é uma espécie de minha apaixonada no programa (não que eu seja muito apaixonado pelas lamechices baratas que os argumentistas estão sempre a inventar-nos).

— Os professores são como imperadores romanos — respondo.

— Estão todos mortos, é isso? — goza o miúdo corpulento que faz de Skeevy Musgrove. — Como tu!

A Gilda faz um sinal ao ator do Skeevy para mostrar o seu enorme tubo de soprar bolas de papel, do tamanho de uma zarabatana amazónica.

— É altura de jogar bowling com bolas de papel! — grita ele, enquanto os tipos dos adereços usam um canhão fora de cena para disparar bolas de papel molhadas contra mim.

Eu baixo-me, desvio-me, recuo, viro e reviro-me para evitar os projéteis à minha volta. Eles



Pronto para rodar, Gilda!

Meu, tens rodas. Estás sempre pronto para rodar.

Qual é a minha motivação para esta cena?



PARABÉNS, JAMIE!  
GANHASTE O  
CONCURSO DE  
PROFESSOR POR  
UM DIA!

Chateares  
toda a  
gente.

espalmam-se na parede por trás de mim e como que se desfazem ao escorregar por ela abaixo. É nojento, o que quer dizer que é divertido.

O Skeevy vai recarregar.

— Como professor por um dia — digo o mais depressa que posso —, declaro aqui e agora que são horas da sobremesa!

Todos os miúdos que estão em cena abrem as suas lancheiras e tiram tartes de natas. Depois, toda a gente aponta ao Skeevy!

Ele vai ficar *tarterado*. Por 18 tartes diferentes, todas feitas com 100% de natas batidas. Uma camada espessa e cremosa cobre-lhe a cabeça e escorre até lhe cair no colo. Parece o Abominável Homem das Natas.

— Turma — concluo —, esta é mais uma forma de calar um *bully*. Encham-lhe as medidas com uma boa cobertura!



## Capítulo 2



# CORTA E EMBRULHA!

— **M**uito bem, gente — diz a Gilda. — Corta e embrulha. O episódio 11 está fechado! Vamos editá-lo, suavizar a banda sonora e emití-lo na sexta-feira. Depois disso, o *Jamix Comix* entra oficialmente numa pausa de cinco semanas!

O público em estúdio bate palmas. O elenco e a equipa também aplaudem. Há três meses seguidos que andamos a trabalhar intensamente no programa. Agora, todos temos direito a umas bem merecidas férias. Na próxima semana, eu, a Gilda, o Gaynor e o Pierce, em vez de continuarmos a ter aulas no estúdio, voltamos para a Escola de Long Beach, onde o verdadeiro Skeeve Musgrove continua a reinar sem oposição. Por esta altura, o Stevie Kosgrove partilha os seus trabalhos de *bully* reinante com o Lars

Johannsen, um gigante do 8.º ano que se mudou do Minnesota para Long Island. O Lars é tão grande que eu até pensei que o nome do estado dele devia ser Maxisota.



Vai ser estranho regressar a uma escola a sério, em vez da escola falsa que temos no estúdio do *Jamix Comix*. Mas até tenho vontade de voltar. A escola é o sítio onde arranjo sempre o meu melhor material cómico. Também foi o sítio onde comi carne-mistério pela primeira vez, onde me enfiaram a cabeça numa sanita e onde aprendi que, no mundo, há três tipos de pessoas: as que percebem de matemática e as que não. Mas tudo bem, tudo isso acabou por se transformar em boas piadas.

A vida também mudou muito para os meus amigos Gaynor, Pierce e Gilda.

O Gaynor ganhou dinheiro suficiente para ajudar a mãe, que ainda está a recuperar de uma luta contra o cancro. Também deu para ele pôr mais dois *piercings* no nariz. Um brilha demais, parece um sinal eletrónico.

O Pierce, o génio do grupo, está a poupar o dinheiro do *Jamix Comix* para pagar os seus estudos universitários. Em Harvard. E no MIT. Ele quer ir para os dois ao mesmo tempo.

— Na verdade, até ficam muito próximos um do outro — diz-me ele. — Mas, claro que terei de comprar uma *hoverboard* para deslizar de uma universidade

para a outra. Ou um drone. Tenho de mastigar aí uns números para perceber qual será mais eficaz.



E a Gilda? Bem, ela já ganhou uma bolsa completa para estudar cinema na universidade. Vai usar o dinheiro que ganhou a realizar os episódios do *Jamix Comix* para financiar o seu primeiro filme independente.

Quanto a mim, estou a pôr uma boa fatia dos meus ganhos naquilo a que chamo o meu Fundo para Um Milagre Médico. Tornei-me bastante bom a dominar esta cadeira de rodas, mas quem sabe? Talvez um dia

haja uma cura para aquilo que afeta os meus membros inferiores. Talvez extraterrestres aterrem cá e os seus médicos tenham uma forma de recuperar a minha coluna e de a porem a funcionar outra vez. Se tiverem, quero estar preparado financeiramente, caso os médicos extraterrestres não aceitem a maioria dos seguros de saúde existentes.

Também faço o que posso para ajudar o meu tio Frankie a manter o seu restaurante a funcionar, porque, bem, ele também faz sempre tudo o que pode para me ajudar. Até me ofereci para o ajudar a comprar uma nova *jukebox*. Uma coisa de luxo, com música digital e LED a piscar, e colunas de som *surround*, capaz de transmitir os últimos êxitos da rádio.

— Obrigado, mas não, obrigado, miúdo — respondeu-me o tio Frankie. — Só gosto de discos de vinil de *doo wop*. O *doo wop* é como o *rap*. Mas com melodia. E letras. E música. E harmonias. E...

Pois. O tio Frankie odeia *rap*.

— Não dá para acompanhar com o ioiô — diz ele.

Também tenho estado a ajudar a Vila Sorrisinhos, que é como eu chamo à casa dos meus tios Sorrisinhos. É aí que vivo. Na garagem. Na verdade, é tipo a minha gruta particular, com portas deslizantes com

controlo remoto, uma televisão de plasma enorme, o meu *Mustang* vermelho descapotável, um frigorífico e um micro-ondas, para petiscos noturnos, e todo o tipo de ferramentas de jardinagem. Precisam de um cortador de erva daninha? Sou o homem certo.

Sorrisinhos não é o verdadeiro apelido dos meus tios. Chamo-lhes assim porque raramente sorriem. Também lhes faltam os genes do riso e da gargalhada.

O seu verdadeiro apelido é Kosgrov.

Igual ao do *Stevie* Kosgrov.

Pois. O pior *bully* da Escola de Long Beach é filho deles, o que quer dizer que é meu primo.

O que tornará mais fácil para ele tarterar-me na sexta à noite, quando a sua personagem for tarterada no *Jamix Comix!*



## Capítulo 3



# IDEIAS PARA GANHAR O CÉU

**U**ma vez que não posso parar a rotação da terra (pois, nem sequer posso andar), a sexta-feira à noite acabará por surgir dentro do seu horário.

Mandamos vir pizzas para o jantar, o que significa que tenho de atender a porta, porque o tipo que entrega as pizzas, o Tony, é um candidato a comediante. E gosta de testar as suas piadas comigo. Eu não me importo. Todos os comediantes precisam de uma oportunidade para melhorarem o seu material. Quando eu estava a começar, costumava ensaiar as minhas sequências com gaivotas e pombos. Sim, porque se os pássaros não gostam das nossas piadas, fazem-nos cocó nos sapatos.

— Alô, Jamie — diz o Tony, quando chega à porta com três pizzas de *pepperoni*. — Foi bom ter vindo.

Sabes, quando a Sra. Sorrisinhos ligou a encomendar as pizzas, ela perguntou se ia de-morar. E eu respondi: «Não, vou de-mota.»



O Tony olha para trás de mim, nervoso.

— Então, o teu primo Stevie está em casa?

— Ainda não. Ainda deve estar a abanar miúdos do 6.º ano, ao pé da escola.

— Boa. Não digo que o Stevie seja burro, mas uma vez perguntei-lhe se queria a pizza cortada em seis

ou em doze fatias e ele respondeu: «Seis. Não tenho fome para doze fatias.»

Rio-me. O Tony sorri.

— Gostas do meu novo material?

— Continua a trabalhar nele — respondo, porque me lembro de algumas das minhas piadas iniciais. Também eram tiradas de livros para miúdos da primária. A única forma de melhorarmos em algo é praticando, praticando, praticando.

O Tony vai-se embora. Carrego as pizzas até à sala de jantar, onde devoramos o jantar, e depois instalamo-nos nos nossos lugares habituais para ver o *Jamix Comix*. A tia Sorrinhos aconchega-se no sofá com o irmão e a irmã mais novos do Stevie. O tio Sorrinhos afunda-se na sua poltrona. Eu fico no sítio onde estacionei a cadeira.

Boas notícias: o Stevie ainda não chegou a casa. Pode ser que eu ainda viva mais um dia para me rir.

— Sabes — diz a tia Sorrinhos, que acabou de ler a sinopse do episódio de hoje na *TV Guia* —, acho maravilhoso que faças de professor neste episódio, Jamie. A tua avó ia sentir-se tão orgulhosa.

Ela está a falar, claro, da mãe da minha mãe, que era também mãe dela. Basicamente, é assim que se é tia.

— A tua avó era professora — diz ela. — Do segundo ao quarto ano.

Assinto com a cabeça porque me lembro da minha avó, apesar de ela ter morrido dois anos antes de os meus pais e a minha irmã bebé terem morrido também.

— Sim, era sem dúvida professora — resmunga o tio Sorrinhos. — Por isso é que nunca tinha dinheiro.

— Bem — responde a tia Sorrinhos e, acreditem ou não, com a ponta de um sorriso —, isso não era importante para ela. A mãe dizia sempre: «Em vez de fazer dinheiro, estou a tentar fazer a diferença.» E é isso que o Jamie também está a tentar fazer. Com o seu programa de televisão. Ensina aos miúdos todo o tipo de lições importantes.

E, levanta-se do sofá e dá-me um beijo na bochecha!

— Temos todos muito orgulho em ti! — exclama.

Fico corado. Estes elogios podiam ter-me subido à cabeça. Mas, nesse momento, o Stevie entra em casa.

— Onde está o meu jantar? — grunhe.

— Na caixa da pizza! — grita-lhe o irmão mais novo.

— Não quero pizza — diz o Stevie, entrando na cozinha. Ouço a porta do frigorífico a abrir.

O Stevie entra na sala com uma tarte de maçã congelada, que deve ter tirado do congelador.

— Quero *este* tipo de tarte. Só para o caso de algo de mau acontecer a uma certa personagem do *Jamix Nada Comix* desta noite.

Ups.

Acho que o Stevie deve ter visto o *trailer* do episódio de hoje no *YouTube*.

Balança a tarte congelada para cima e para baixo, como se estivesse a avaliar o peso de um bloco de cimento.

Tenho a sensação esquisita de que uma tarte de maçã vai doer bastante mais do que todas aquelas tartes de nata em Boston.





# Será que eu, Jamie Grimm, consigo ensinar outros miúdos a serem CÓMICOS?



Eu pensava que ser um comediante numa cadeira de rodas era complicado, mas ensinar comédia a uma turma é bem mais difícil! É um pesadelo! Nem sei por onde começar! Passo TPC? Faço testes? Visto fato e gravata como um professor ou vou mascarado de palhaço?

Eu não estou preparado para isto! E corro (não literalmente!) o sério risco de me tornar a piada da escola!



Mas não é só isto...  
Ainda tenho de salvar a biblioteca, há um novo diretor maluco em collants, o tio Frankie apaixonou-se e ficou estúpido, e há uma miúda nova que... bem... acho que ela... tu sabes...

Não percas as minhas aventuras anteriores!



Conversa com o Jamie em

 omeujamespatterson

  
livros que saltam à vista

2020 editora

ISBN 978-989-707-493-6

11+



9 789897 074936

Literatura Juvenil